

# Juventudes: diversidades e experiências formativas no campo

Youths: formative experiences and diversities in rural areas

**Fabício Oliveira da Silva**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

**Adelson Dias de Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

**Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

**Resumo:** O texto problematiza as perspectivas educacionais e formativo-identitárias de jovens do campo. É uma pesquisa qualitativa, fundamentada na abordagem autobiográfica, utilizando-se das entrevistas narrativas. Por meio da Análise Compreensiva (BERTAUX, 2010), aponta como significativo para a formação de jovens do campo a participação em movimentos sociais, como aspecto que fortalece a perspectiva do *continuum* para a identidade desses sujeitos. Num movimento dialógico, a inserção em movimentos sociais e culturais é muito latente no discurso emanado por esses sujeitos e denota a diversidade por eles experienciada no espaço do campo. A correlação da dimensão social e a possibilidade de inserção dos jovens nas ações comunitárias, inclusive como propositores de mudanças, são atraentes para a forma como eles vivem em sua comunidade e experienciam as diversidades.

**Palavras-chave:** Diversidades. Juventudes. Experiências formativas.

**Abstract:** The text discusses the rural youths' educational and formative identity perspectives. It is qualitative research based on an autobiographical approach with narrative interviews. Through the Comprehensive Analysis (BERTAUX, 2010), it points out that participation in social movements as an aspect that strengthens the continuum perspective for rural youths' identity is meaningful to their education. In a dialogical movement, their insertion in social and cultural movements is frequent in the discourse emanated from these individuals and denotes the diversity experienced by them in rural areas. The correlation between the social dimension and the possibility of young people's integration in community actions, even as proponents of change, is attractive to the way young people live in their community and experience diversities.

**Keywords:** Diversities. Youths. Formative experiences.

---

## **Assim começamos nossa prosa!**

Este artigo é um recorte da pesquisa intitulada “Jovens do semiárido baiano: experiência de vida e formação no campo”<sup>i</sup>. O estudo tem como pretensão construir, por intermédio das narrativas desses sujeitos singulares, a cartografia das experiências vividas e constitutivas para seu processo formativo. Os nomes utilizados no transcorrer da escrita são fictícios e se apresentam com vinculação a animais e plantas da caatinga, fazendo relação direta com a realidade vivida e experienciada dos jovens narradores/colaboradores do estudo, por se tratar de pesquisa realizada em territórios rurais do semiárido baiano.

Os colaboradores deste estudo são os jovens oriundos de lugares diversos do semiárido baiano. Todos eles fazem parte da República de Estudantes do Centro de Formação Dom José Rodrigues<sup>ii</sup> situada em Juazeiro/BA, mantida e coordenada pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA. A escolha por esse ambiente se justifica por ser um espaço heterogêneo, com jovens de origens diversas da região semiárida brasileira.

Este espaço, desde o ano de 1994, recebe jovens estudantes originários do campo para fazerem o curso profissionalizante técnico em Agropecuária e, mais recentemente, o curso técnico em Meio Ambiente no Centro Territorial de Educação Profissional do Vale do São Francisco – CETEP SF, sendo a República o espaço de apoio e convivência durante o período de estudo. O ingresso desses jovens à República do IRPAA tem critérios: ser jovem do campo onde não há escolas técnicas profissionalizantes mais próximas; ser de famílias com poucas condições financeiras para mantê-los fora da propriedade familiar, indicados (as) por entidades e/ou organizações locais que também desenvolvam uma ação efetiva junto à comunidade; que a família seja participante de organizações e movimentos sociais locais; jovens que demonstrem interesse pela área agropecuária e militem nos movimentos sociais de base. Para tanto, a entidade de base da comunidade onde o jovem reside deve encaminhar carta de apresentação para o IRPAA. Sendo aceito, mediante a disponibilidade de vagas nas casas da República, o jovem faz a inscrição para participar do sorteio eletrônico<sup>iii</sup> realizado pelo CETEP SF. Sendo o jovem contemplado, a organização social de que faz parte, valida a indicação, enviando para o IRPAA uma carta de recomendação.

Após todo esse processo, o jovem é então encaminhado para a República, que possui em sua estrutura organizacional um técnico da instituição responsável para acompanhar e orientar os estudantes ou “republicanos”, por eles assim

denominados. Para desenvolver essa experiência, a instituição oferece algumas condições das quais se destaca: moradia em grupo (República masculina e feminina); sala com biblioteca e computador; transporte escolar; bolsa de meio salário mínimo<sup>iv</sup>; área de produção animal e vegetal; cursos, seminários, oficinas, prática de campo, estágio. Os dois últimos itens contribuem diretamente para o processo formativo dos jovens que ali estão, pois a produção animal (criação de caprinos, galinha, abelha) e vegetal (grãos, hortaliças e frutas) é convertida para o consumo e manutenção das duas casas em que os jovens vivem (República masculina e feminina) e do veículo utilizado como transporte escolar.

Por estar localizada no campo, a vivência na República requer dos jovens a aplicação prática da experiência da lida na roça presente em suas vidas, uma vez que são filhos de agricultores familiares. Eles são provocados a desenvolver práticas que tenham vinculação com a lógica da discussão de convivência com o semiárido – CSA. Aspecto esse, que rompe com a ideia de combate à seca e insere a perspectiva de valorização do ambiente local e, principalmente, da compreensão de como é organizado, suas potencialidades, particularidades e especificidades, construindo um pensamento crítico sobre as formas predominantes de intervenção nessa realidade. Nesse sentido, corroboramos com o pensamento de Silva (2008, p. 16) quando assevera que:

A partir da década de 1980, novos atores sociais passaram a resgatar e a desenvolver propostas e práticas orientadas pela concepção de que a sustentabilidade do desenvolvimento implica a convivência com o Semi-Árido. Ao mesmo tempo, constroem-se estratégias e proposições que relacionam o desenvolvimento sustentável no Semi-Árido aos avanços econômicos alcançados com base na eficiência tecnológica e na racionalidade produtiva que permitem aproveitar as condições edafoclimáticas locais.

Em outras palavras, a lógica da CSA diz respeito ao paradigma emergente que rompe com a lógica da política dominante secularmente existente no Brasil, principalmente porque as discussões nascem de órgãos de pesquisa e de movimentos sociais e de organizações não governamentais. O intuito da ideia de CSA é ampliar o debate para o desenvolvimento local e regional, a partir de práticas e tecnologias que se adequam à região e, dessa maneira, produzir conhecimento, desenvolvimento e, particularmente, formas de conviver com as características pertinentes ao Semiárido Brasileiro, que envolvem questões climáticas voltadas à produção econômica e social. O marcador principal da discussão de CSA está na luta pela terra (discussão da reforma agrária e acesso a terra), no acesso à água (construção de política de recursos hídricos), no acesso à educação de qualidade e contextualizada e nas relações igualitárias de gênero. Assim, acreditamos que

[...] é possível criar, como estratégia de convivência com o Semiárido brasileiro, diversas possibilidades que facilitem a vida das pessoas que vivem nessa região. A proposta de *Convivência com o Semiárido Brasileiro (CSA)* traz uma série de tecnologias voltadas para a captação de água para o consumo humano e animal e para a produção, organizadas de maneira que possam existir em formas e ambientes diversificados e que garantam a qualidade de vida para todos os que vivem na região. (SANTOS, 2010, p. 88)

A discussão de CSA é apresentada aos jovens desde o momento em que estão em suas comunidades a partir do trabalho desenvolvido pelas associações, sindicatos ou até mesmo pelas ações do IRPAA por meio das mais variadas ações que fazem parte do seu cotidiano. A participação dos jovens nos diversos cursos e oficinas, na comunidade e durante o convívio na República tem o objetivo de garantir a condição de discernir as questões que mais se adequam ao contexto em que vivem e, dessa maneira, propagar a missão institucional.

Para permanecerem na República, os(as) jovens assumem algumas convenções, dentre as quais são destacadas: reformar, melhorar e conservar as instalações da residência; conservar, reformar e construir as instalações para a criação de animal e as áreas de plantio; produzir para alimentação e comercialização do excedente (venda); conservar e manter os livros e computadores, repondo o que for danificado ou extraviado; administrar e complementar a bolsa para pagar alimentação, transporte, material escolar e outros; ter disponibilidade e interesse para participar e atuar como multiplicador ou multiplicadora do conceito de convivência com o semiárido em espaços como a escola, grupos de estudo, seminários; participação ativa na vida escolar; aprovação em 80% dos módulos de formação desenvolvidos pela equipe técnica do IRPAA para os jovens da roça e em 100% no curso do ensino médio ou de formação técnica desenvolvido pelo CETEP SF; manter assiduidade na frequência escolar; buscar formas de convivência no grupo e no meio ambiente, entendendo-se aí os espaços da roça e da escola, mantendo diálogo para encaminhamento e desenvolvimento do projeto da República na roça; cumprir com o acordo de convivência construído pelo grupo (DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS IRPAA, 2013).

O texto em evidência deixa transparecer os aspectos sociais construídos ao longo dos tempos e como estes influenciaram os percursos formativos de jovens que vivem no campo, especialmente quando trata da relação familiar e da dimensão do trabalho na sociedade. Esses fatores e outros apontados no estudo com as narrativas de vida e formação de jovens da roça possibilitou-nos a revisão de muitos conceitos preestabelecidos no que diz respeito à juventude.

As trajetórias de formação presentes no contexto das ruralidades, desveladas nas narrativas dos jovens do campo, apontam para uma complexidade na

configuração dos espaços e tempos em que ocorrem. A formação não é algo que se dá apenas com a institucionalização. Ela está implícita nas experiências individuais e coletivas a partir da família, da escola e do trabalho que desencadeiam naturalmente subcategorias significativas: religiosa, cultural, política e comunitária. Tais elementos estão voltados diretamente para a trajetória de formação dos jovens, necessitando de um olhar mais cuidadoso ao se pensar nos processos que envolvem ou atendem diretamente esse público.

Apontamos, desta forma, um conjunto de narrativas que direciona para as diversas experiências que os jovens viveram, construindo assim as suas trajetórias formativas. Tomamos como princípio a compreensão de que “falar das próprias experiências formadoras é contar a si mesmo a sua própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais” (JOSSO, 2004, p.48) as quais, aos poucos, vão internalizando-se e sendo reconstituída. Com isso, a análise compreensiva das narrativas evidencia o reflexo da construção social em que os jovens vivem e a influência no seu processo formativo.

A formação dos jovens no campo tem, como princípio norteador, as experiências familiares, tomando a família como primeira instituição social extremamente relevante na constituição de suas identidades. Outro espaço formativo que ganha destaque neste processo é a vivência no ambiente escolar e no trabalho. Por isso, é apresentada também a relação de convivência com a comunidade como um processo de formação social, política e cultural presente nas escolhas e nos projetos de vida que os narradores, colaboradores da pesquisa, sinalizaram em suas histórias de vida. Diante do exposto, apresentamos a seguir estes diferentes espaços de atuação da juventude do campo no semiárido baiano, analisando como as experiências de formação foram constituindo os jovens do campo.

## **Experiências e formação: diversidades vividas pelo jovem do campo**

Nas narrativas, os jovens vão apresentando a inserção nas comunidades não apenas como filhos de D. Maria, Neto de seu Manoel, etc., mas também como agentes mobilizadores de processos educativos sociais. A incidência dos trabalhos sociais desenvolvidos pelas Organizações Não Governamentais - ONG's, pastorais da igreja católica, grupos ligados às demais igrejas protestantes, grupos culturais locais, além dos projetos de atenção ao campo desenvolvidos pelos governos -, proporciona ao jovem que vive no campo outros horizontes de aprendizagem e formação.

Observamos, após análise das narrativas, que a presença da participação da igreja na vida dos jovens é o primeiro passo trilhado no sentido de inserção social e cultural, como apontam os jovens Mandacaru e Asa – Branca,

Aí teve um período que eu tava, já não queria nada mesmo com ajudar a família, vivia só na rua, aí tinha grupo de jovem na comunidade, tava iniciando um grupo de jovem na comunidade [...] Aí eles tinham participado de um encontro na igreja e de volta da igreja que saíram com compromisso de sair na comunidade, o primeiro jovem que encontrasse na rua convidar pra no outro dia ir pra um encontro junto com eles pra participar dos encontros dos jovens. Aí então eu zombei da cara delas, me fizeram um convite, uma colega me fez um convite e eu zombei da cara dela, que não prestava, eu não ia, mas aí depois que ela saiu: - "tudo bem, mas se você se sentir a vontade, a gente tá lá amanhã, a partir das...". Era três horas da tarde em ponto e ela saiu e eu fui, fui pra casa na verdade, já era de tardezinha. Aí fui pra casa, aí no outro dia fiquei assim pensando, o convite que foi na sexta, não, no sábado e o encontro era no domingo. Aí fiquei com aquilo dentro da minha cabeça, depois eu fui raciocinar que tinha zombado da cara dela e depois eu comecei a pensar "eu vou, pelo menos matar a curiosidade desse encontro dos jovens". Aí então fui no domingo junto com eles, dos que foram convidados poucos compareceram, eu tava lá no meio do de uns que foi convidado e fui, mesmo desacreditando do grupo né. Aí comecei a participar dos encontros e assim, comecei a gostar dos encontros, tinha uma certa dinâmica boa, as meninas tavam bem instruídas, enfim, aí fui gostando acho, aí depois de uns 3 meses depois teve uma das meninas saiu e eu fiquei na coordenação, me incluíram outros encontros que tinha na cidade, acho que naquele tempo era CEBS – Comunidades Eclesiais de Bases. (MANDACARU, 2013)

“Vamos chamar o povo... os meninos pra fazer um grupo jovem?”, “vamos, vamos fazer”, aí vamos fazer a primeira reunião do grupo jovem, aí a gente fez, aí o que é que a gente vai fazer na reunião do grupo jovem, aí vai ser todo dia... vai ser quantos dias na semana? Uma vez na semana, na sexta-feira à noite, aí cada dia vai ser um tema. Aí a gente começou um tema... aí o pessoal só se interessava, só o que interessava principalmente os meninos, que lá era muito menino, muito menino e pouca menina, aí lá a gente sempre tava junto com os meninos, daí começava né, tinha aqueles comentário que num sei o que, que a gente era as depravadas que só andava com os machos, que num sei o que, aí os meninos todos os meninos lá a maioria tem moto né, os pais vão pra São Paulo aí eles mandam as motos de lá e eles ficam em cima da moto e nós não saia de cima da moto desses meninos, pra cima e pra baixo, pra cima pra baixo, mas a gente não tava nem aí porque eu sempre falei pra mãe que aí minha mãe não ligava quando começava as histórias, às vezes as vizinhas ia lá em casa dizer que tava em tal lugar com fulano de tal, mãe: “não, ela me disse que ia com fulano de tal e eu não vejo problema disso”, mãe nunca ligou pra isso, ela disse até porque na época dela ela

tinha vontade de fazer e não fazia porque o povo não deixava, ela disse que não ia fazer o mesmo que tinham feito com ela né, que ela dava toda liberdade, que eu que tinha que me dar o respeito, não era o povo que tinha que falar o que eu devia fazer ou o que não devia fazer. E aí quando a gente tava no grupo jovem, os meninos só se interessavam quando a gente falava sobre sexo, essas coisas, sobre discussão de sexo né, aí só se interessavam pra entrar nessa hora ou sobre sexo ou sobre namoro, essas coisas, a gente sempre tava colocando os direitos, quais eram os direitos, o que eles achavam de direitos sobre homem, sobre mulher, aí não, que homem tem direito, pode fazer tudo, mulher não pode fazer nada e lá é esse essa polêmica. [...] com essa questão de dizer que a gente organizava as pessoas, aí chegou um missionário lá, ele tava fazendo... não sei se é estágio que chama, não sei, sei que ele tava lá, ele vinha da África, tava em **Rosa do Deserto** e foi não sei como que ele chegou em Umburana e acabou chegando na lá na nossa comunidade [...] Aí ele falou que a gente tinha um potencial de formar um grupo de catequese, além do jovem, a catequese. E falou em mim, e falou na **Estrela**, e nas outras meninas também. Aí ele conversou com a gente, aí ele deu algumas instruções de como a gente faria, eu falei: “não, eu não posso ser, porque eu não tenho a primeira eucaristia. Como é que eu vou ensinar aquilo que eu não sei?”, aí ele: “vou lhe dar uns livros e você estude e aí você vai estudando com os meninos, quando o padre vier, você faz a sua primeira eucaristia”. (ASA - BRANCA, 2013)

Destacamos, nas duas narrativas, elementos referentes ao processo formativo do jovem da roça na contemporaneidade. A centralidade não está mais no que diz respeito ao trabalho, na lida com o roçado e com os animais. São introduzidos novos processos sociais que objetivam a organicidade das pessoas que moram no campo; mesmo seguindo a missão iniciada no século XVI pelos jesuítas que saíram em meados do século XVIII, os resquícios de todo o processo instaurado inserem-se das mais diversas formas na educação familiar, social e comunitária. Os jovens iniciavam, assim, suas experiências como mobilizadores das comunidades a partir da atuação da igreja católica, ainda com o movimento de CEBS, onde a tônica organizativa pautava-se numa dinâmica de formação política e de luta por um ideário social divergente da conjuntura neoliberal instalada, como demonstra claramente Mandacaru, ao falar de sua inserção no grupo de jovem.

A jovem Asa - Branca insere-se na proposta de formação, mas não faz o mesmo caminho que Mandacaru. Destaca que o grupo surge motivado pelo desejo de discutir temas polêmicos inerentes à vida nas comunidades, inclusive a apropriação do discurso da afirmação da mulher nos espaços diversos da sociedade contemporânea, em especial nas comunidades rurais. O interesse na discussão de questões diversas que atendam às necessidades, especialmente as políticas públicas de/ para/ com os jovens, é reforçada quando Stropasolas (2007, p. 290) aponta

Alguns desafios a serem enfrentados nesse contexto: a organização de espaços especficos, a construção de uma identidade coletiva visando o elaboração de uma pauta das principais necessidades dos jovens, desencadeando ações que perpassem as organizações representativas, as instituições governamentais e a sociedade [...] importância de não se cair em reducionismos ou isolamentos, criando-se a capacidade para dialogar com outras gerações.

Em se tratando da participação dos jovens nos sindicatos e associações comunitárias rurais, é muito significativo perceber nas falas dos jovens, que a atuação não se dá somente como o sócio, mas na contribuição direta como presidentes, vice-presidentes, diretores e conselho fiscal. Ao narrarem, expõem que a sua atuação possibilita uma maior interação com a comunidade, além de poder contribuir para a melhoria e a organização local. O jovem Mandacaru revela:

A partir dos 19 anos de idade, eu tava me formando e ai comecei a participar das reuniões da associação, e como mãe  sócia da associação da comunidade e ai comecei a ir participar de algumas reuniões e vendo os debates na comunidade dos assuntos que tinha né, que a presidente... Eu participava da reunião so e trazia os resultados da reunião pra dialogar junto com o pessoal. Eu comecei a participar e fui me interessando também pelos assuntos. E no próximo ano, ano 2010 mais ou menos, por ai, 2010 não, 2009 ainda, recebi uma proposta do pessoal né, pra se associar na associação e sai como presidente da associação. E eu meio sem, tava interessado, mas meio desacreditado que iria ganhar a eleição, assim, me associei com 3 meses depois lançaram uma chapa, eu como presidente da associação, ai concorri em 2009 e ganhei né. E comecei a trabalhar na comunidade, participava, ia pra escola, no ano de formar ia pra escola e ao mesmo tempo viajava pra algum lugar, participar de algumas reuniões e depois trazia pra comunidade, tempo corrido e foi uma batalha passar de ano, mas consegui passar. Era muita viagem e assim, meio que não dava tempo muito de pegar nos livros pra d uma estudada fazer as provas, mas enfim, muitos assuntos que acabava discutindo nesses eventos, acaba que melhorando um pouco o raciocfnio e algumas coisas relacionava com a escola, discutia alguns assuntos e por exemplo, mais história né, essa relação com os movimentos sociais puxam muito essa parte da história né, fala da geografia um pouco, mas assim tinha um desempenho maior ai, mas enfim, foi uma luta mas consegui. E ai levei mais adiante a associação, fui presidente por dois anos e desenvolvi um trabalho na comunidade né, muitos gostavam do trabalho que eu desenvolvia na comunidade e outros não gostavam.

O que se evidencia na narrativa de Mandacaru é exatamente a questão dos diversos papéis que assume na comunidade num curto espaço de tempo. Há uma correlação forte com o processo de formação pessoal e profissional, principalmente quando destaca sua relação entre a escola, a atuação como presidente da associação

comunitária e a participação nos diversos encontros de formação e o movimento da aprendizagem escolar. Algo que precisa ser ampliado é o quanto a dinâmica da formação nos movimentos de atuação voluntária e coletivos contribui direta e indiretamente para o processo formativo escolarizado. O jovem deixa isso claro, quando diz que eram muitas viagens, quase não dava para estudar e fazer as provas; porém as discussões ocorridas nos encontros davam base para que as atividades educacionais não saíssem prejudicadas. Outro elemento que merece destaque, no que nos narra o jovem, é a relação direta com a comunidade, pois, mesmo não sendo presidente, já desenvolvia o trabalho de multiplicador com os mais próximos da sua residência na comunidade.

Assim como Mandacaru, Borboleta e Asa-Branca fazem também uma incursão pelo ambiente da associação com atuação de forma direta no corpo administrativo.

[...] agora que você se comprometeu, vai ter que entrar na associação”, aí eu entrei na associação de **Palmares**, aí entrei, me tornei sócia da associação de **Palmares**, mãe também faz parte da associação de **Palmares**, minha prima que é a presidente. (ASA - BRANCA, 2013)

[...] reunião de associação e aí uma coisa que eu acho que é bem interessante, porque a gente sempre acompanhava muito, então mãe participava de uma associação que era três quilômetros fora de onde a gente morava ou até mais, e aí sempre dia de domingo que tinha reunião a gente ia né, e aí tinha aquelas casas de conhecidos, mas eu sempre tava ali às vezes a gente nem tava entendendo nada, mas a gente ficava lá acompanhando. Então eu sempre faço isso de também ter influência de que fui crescendo já ouvindo aquilo ali, tá ouvindo candidato ia lá fazia promessa, mas sempre ouvindo umas pessoas da comunidade tentando achar uma solução aquilo e tal, e aí se esforçando. Aí o tempo foi passando, quando eu vi já era eu que tava lá no lugar da minha mãe né, assim já participando também da associação, discutindo com as pessoas e tal, então a escola acho que também né, para vivência, vendo aquilo tudo ali. [...], eu ainda cheguei a ser é, diretora, acho que era diretora de eventos, era, na associação né, e aí a gente fazia, além do grupo de teatro a gente promovia algumas coisas assim ligada a questão cultural na comunidade. (BORBOLETA, 2013).

Analisadas as entrevistas narrativas dos jovens do campo, é perceptível a inserção destes nos mais diversos espaços sociais. O que se percebe nas narrativas é, ainda, a necessidade da aproximação entre as gerações para melhor compreender o universo juvenil. As duas jovens se envolvem de forma direta com as ações desencadeadas pela associação local, demonstrando o interesse em ampliar o nível de conhecimento. Destaca-se, na fala de Borboleta, que a sua inserção na associação se dá pelo fato de acompanhar sua mãe e, à medida que foi crescendo, se percebe incluída nesse processo de formação e atuação política. O interesse em contribuir

com os grupos associados parte da ideia de poder contribuir com a sua comunidade de maneira efetiva. Sendo assim, as jovens apontam, em suas narrativas, que sua atuao está ligada ao fator cultural e político.

Compondo, ainda, o quadro de participao nos espaos de deciso dos grupos associativistas e do sindicalismo rural, o jovem Angico desvela, em sua narrativa, o interesse em atuar nas decises referentes ao funcionamento da EFA conforme narra:

[...] depois de 2002 pra cá que minha mãe começou a fazer parte da associao que mantém escola Família Agrícola e é uma participao muito interessante. Ela foi primeira secretária, foi primeira tesoureira, e aí depois, quando a gente saiu ela começou a se afastar. Que eu lembre em termo de organizao que os pais participaram ou participam são essas três mesmo. É, aí acompanhava lá no **Pedregulho** as reunies, quando tinha, sempre acompanhava. Às vezes ia alguma pessoa de fora, apresentar alguma coisa, uma linha de crédito. Eu participava. [...] Depois que minha mãe saiu da associao de **Caatingueira**, automaticamente eu fui me inserindo. Aí eu atuei como ex-aluno na associao, depois a escola tava quase fechando em 2008 a escola Família. Daí a gente montou um grupo de ex-alunos pra reestruturar a escola, eu fui secretário. Nós conseguimos levantar a escola, terminou dois anos de mandato, aí eu fui ser tesoureiro, dois anos de mandato também. Hoje teve assembleia e eu continuo como tesoureiro, mais dois anos. Tem quatro anos que a gente contribui pra restaurao e fortalecimento da escola Família Agrícola de **Caatingueira**.

Na narrativa do jovem, percebemos a confluência de dois processos de formao que fazem parte de sua trajetória. Primeiro, a escola se apresenta como uma proposta educativa voltada para o contexto do campo e, em sua organizao, existe o dimensionamento para a organizao social e democrática por intermédio da criao de uma associao composta por dirigentes, professores, pais e alunos (CAVALCANTE, 2007). É com essa configurao que o segundo espao formativo desponta na narrativa do jovem. Este espao é constituído por sua participao nas reunies da associao que o conduz a se interessar pelas questes ligadas ao bem coletivo da comunidade. Deixa evidente, ao narrar, que mesmo não sendo mais aluno da escola, continua a fazer parte do corpo diretivo da mesma. Percebemos, nesse caso, que o ambiente escolar não apenas elencou uma série de conteúdos presentes em um currículo, mas propiciou a esse sujeito a sua formao cidadã, na medida em que viu na escola um espao de construo política. Ao retornar a ela para exercer a funao de secretário e depois de tesoureiro, motivado pela preocupao com a situao em que a escola se encontrava em 2008, Angico revela sua implicao com aquele ambiente por meio de exercício de funoes políticas, gestadas no âmbito da sua trajetória de politizao, nascida e produzida nas entranhas do espao educativo de que fez parte.

Observando as narrativas, diante da participação dos jovens como líderes das associações ou fazendo parte do corpo diretivo, percebemos que as questões da hierarquização desses espaços no campo começam e se modificam e, nessa linha de pensamento, ocorre a presença de muitos jovens quanto à participação como sócios, bem como na direção. Posso, então, apontar que no âmbito da formação da juventude do campo que:

As hierarquizações são construídas socialmente e são o resultado de um jogo de forças que expressam visões diversas do que pode vir a ser o rural dos usos possíveis atribuídos aos seus recursos. Em síntese, um campo de disputas entre distintos atores sociais que buscam a hegemonia das representações sobre o mundo rural e o controle dos espaços decisórios das instituições e de políticas que intervêm nesse espaço da sociedade. (STROPASOLAS, 2007, p. 288)

No contexto da participação social, está, ainda, a inclusão dos jovens nos movimentos estudantis. Todavia, no espaço urbano, acabam se mobilizando junto aos demais jovens nesses movimentos, uma vez que o percurso de formação dos jovens do campo ocorre num movimento diaspórico, ou seja, a dispersão de alguns elementos presentes nas comunidades ou, até mesmo, dos povos que ali vivem. Ocorre, dessa maneira, a participação na construção de decisões inerentes à sua condição juvenil e à melhoria de condições de vida, conforme desvelam as narrativas,

[...] veio o movimento estudantil, lembro que o pessoal sempre começa a visualizar né, as pessoas que tem algum perfil as pessoas caem em cima, aí chamaram pro CA "não, quero, porque eu tenho outra faculdade e tem o Salitre", porque eu continuava lá né, participava de associação e tal e num quero não. Aí depois acabei entrando mesmo, nem entrei na chapa, mas me, quando vi já tava dentro, participando das coisas. E aí fui me envolvendo, aí projeto de extensão também, aí fui aumentando a parte que eu sou na militância. (BORBOLETA, 2013, CITAÇÃO VERBAL)

[...] teve épocas que, acho que duas vezes no colégio, fui eleito como presidente de turma, da, da sala de aula, isso foi na oitava série e no terceiro ano. Na oitava série fui eleito com 75% dos votos, aí tinha a eleição do colegiado, era o colégio todo, aí assim fui eleito com 75% dos votos. Aí assim, nessa época na escola tava... tinha... os alunos vinham pra sala de aula, muitos sentava no chão porque não tinha cadeira, era eu o vice presidente de turma. Aí assim teve uma atitude que a gente fez, a gente disse: "pô, tá faltando cadeira pra o colégio e os alunos tão sentando no chão, vamos tomar uma atitude, vamos ligar pra secretaria de educação do município", aí fomos no orelhão da comunidade e ligamos, descemos lá madeira, dissemos o que tava acontecendo e que os alunos tavam revoltados com tudo isso e aí assim, eles garantiram que dentro de um mês isso ia ficar resolvido né. Aí assim, dentro de quinze dias chegou um caminhão na porta do colégio, descendo as carteiras do colégio. (MANDACARU, 2013)

A contribuio dos jovens nos movimentos estudantis possibilitou o crescimento pessoal e poltico de cada um no sentido participativo. Esses elementos necessitam ser repensados ao se construir uma ao que atenda diretamente ao pblico jovem. Dessa forma, quando se fala em atendimento às necessidades especficas dos jovens e a sua participao comunitria ou em movimentos sociais, Melucci (1996, 13) aponta para o entendimento de que, “os jovens se mobilizam para retomar o controle sobre suas prprias aes, exigindo o direito de definirem a si mesmos contra aos critrios de identificao impostos de fora, contra sistemas de regulao que penetram na rea da ‘natureza interna’”.

Como ambientes de participao e formativos na comunidade, os jovens apontam para a construo religiosa como um dos elementos significantes para a sua constituio como sujeitos do campo. H influncia muito forte das relaes familiares e do espao de convivncia para a concretizao de suas escolhas. No caso dos entrevistados, esses apontam para uma construo que envolve diferenas quanto às suas escolhas religiosas, sendo a religio catlica predominante em todo o seu conjunto de ensinamentos e valores. Na seqncia, apontam as religies evanglicas e a inserao no candomblé como referencial para o aprendizado e o encontro com os valores culturais e tradicionais que circundam a comunidade.

[Falando da me e a relao com a igreja/religio] Eu sempre ia, que ela ia pras missas e eu sempre ia com ela, ai ela me ensinava a orar, me ensinava a rezar, ela tinha um livrinho de reza ela ai ia la procurava, tinha do anjo da guarda que ela me ensinava e sempre me ensinando algumas rezas, ai ela tinha essa preocupao, ai eu sempre fui bastante, tinha bastante fé assim ja levado pra essa fé, do lado da fé. Ai o nico meu defeito assim é que eu ia só na igreja ou numa missa quando realmente eu tava precisando mesmo, eu tava precisando de uma coisa assim, ai ficava pedindo a Deus: “oh, meu senhor, me ajuda a conseguir aquela coisa ali”, ai ia pra missa ja pra falar, como se fosse assim, fazendo uma média com Deus ja pra ele pra ver se conseguia aquela coisa. Ai depois que eu conheci as testemunhas de Jeová, ai não é muito diferente que são, alias, nós somos cristãos, só muda assim, a nica diferena é que a gente imita os passos de Jesus ao pé da letra, como ele fazia mesmo, não adora animais, nem fazendo adorao, só adorao ao Deus verdadeiro mesmo, só como Jesus fazia quando veio aqui e acho que por isso que eu me interessei bastante assim, logo quando eu comecei o estudo, “vixe, é por aqui mesmo que eu quero tá e que é animador”. Ai minha me assim, ela não diz nada assim, sobre, ela até gosta que eu vou pra igreja, quando eu não ia pro salão de testemunha de Jeová, quando eu não ia assim, tinha dia que eu não ia, “você não vai hoje não?”, quando já tava perto da hora assim, “já tá na hora de você ir pra seu salão, você não vai não?”, tinha essa preocupao assim ela, ai ela quando era dia de estudo mesmo, que eu tava em casa ela: “já tá chegando a hora de seu estudo”, ai ela apoiava assim, agora ela...eu também nunca cheguei assim pra ela pra dizer do estudo, falar do estudo pra ela, ela sabia que eu estudava, mas não sabia o

que é que eu estudava, sabia que lá tinha as reuniões mas não sabe como é as reuniões do reino, porque eu nunca cheguei assim falei pra ela assim como é o Testemunha de Jeová, aí até por isso, aí é...mas ela é dessas católicas mesmo devoto, o que tem da igreja católica ela vai. (UMBUZEIRO, 2013)

[...] sempre fui ligada a igreja católica, mas tem algumas coisas que eu não concordo, por exemplo, ele disse que só era pra mim dar o curso pras pessoas que eram casadas, as pessoas que fossem juntas não era pra mim dar o curso, só que aí o pessoal ficava... ia, do mesmo jeito ia, eu não podia dizer que não, como era que eu ia negar a palavra pras pessoas que queriam ouvir? Aí os casais iam e aí eu peguei dei o certificado após o curso e aí ele ficou irritado comigo por causa disso. E por essas e outras eu acabo que ficando assim, nem digo que sou católica, nem digo que não sou e também pela a minha comunidade tem influência do candomblé também né, tem a minha tia que tinha o terreiro que ela fazia as obrigações dela e a gente sempre participava. [...] ela nunca teve definição de religião não, se fosse pra ir ela ia e ela respeitava todas as religiões, se chamasse ela pra ir pra um culto ela ia na igreja evangélica, pra missa ia com todo prazer, pro candomblé também ia e aí eu acho que eu comecei aprender, aprendi com ela de não ter esse tipo de preconceito e de querer conhecer todas. [...] Aí por causa disso, acho que dessa influência, nunca me entreguei totalmente a igreja. (ASA - BRANCA, 2013)

[...] as missas aconteciam de ano em ano, às vezes quando morria alguém na comunidade, aí tinha alguém na cidade, aí só ficava se o padre viesse fazer uma missa assim, de sétimo dia, aí vinha. E os acontecimentos religiosos acontecia que tinha as rezadeiras, que tinha às vezes morava lá né, próximo do **Riacho**, aí vinha mais ou menos uns 3 quilômetros né, todos os domingos, sempre de quaresma todos os dias pra comunidade, aí assim, era noite a gente ia e participava, tempo de quaresma tinha da gente ficar até meia noite rezando, mãe ia e levava a gente. [...], tava acontecendo uma festa de Nossa Senhora Aparecida na comunidade do **Riacho** comunidade vizinha né, eu fui participar do festejo como era celebrante, eu participava também das celebrações né, fazia celebração na igreja aos domingos. (MANDACARU, 2013)

Nas narrativas dos jovens, em princípio, identifica-se a presença da religião católica na vida de todos os jovens, decorrente da influência familiar; no entanto, com o passar o tempo, os próprios jovens acabam por definir o caminho religioso que pretendem seguir. Há um respeito pela diversidade religiosa e, especialmente, pelos credos particulares de cada sujeito como apresenta a jovem Asa-Branca:

[...] respeitava todas as religiões, se chamasse ela pra ir pra um culto ela ia na igreja evangélica, pra missa ia com todo prazer, pro candomblé também ia e aí eu acho que eu comecei aprender, aprendi com ela de não ter esse tipo de preconceito e de querer conhecer todas.

A presença familiar é tomada como algo importante para que os jovens adquiram os valores religiosos presentes nos processos de aprendizagem social e formativa. Nesse sentido, Rios (2011, p. 178) expõe que “a religiosidade é muito importante para os moradores e moradoras da roça, quase tão importante quanto o próprio ato de plantar e colher”. A religião ocupa um espaço na formação dos jovens de maneira distinta que vai, aos poucos, instituindo, nesses sujeitos, elementos suficientes para que possam construir seus próprios conceitos e instituir os seus valores. No sentido de compor o mosaico das escolhas religiosas apresentadas pelos jovens, Borboleta, Angico e Abelha acrescentam:

A religião católica, família a base, ai tinha o costume da novena tem a comunidade próximo que no mês de maio celebra coração de Jesus e Maria, então é o mês todo de novena e ai a gente ia né, várias noites, é o que 2, menos de 2 quilômetros, 1 quilômetro e meio mais ou menos e a gente ia com minha vó, minha mãe e a gente cochilava, tinha aquelas rezas compridas e tal, e a gente ficava ali a novena, enfim, mas ia né, sempre ia assim e aprendia os cantos e tal. E missa também. Novena que eu lembro mais é essa porque era a mais próxima. Missa a gente ia muito, minha mãe quando às vezes dava aula de catecismo né, a gente fez catecismo também com ela, como tinha muito isso, os professores da comunidade faziam também essa parte religiosa e também como era referência, então às vezes ajudava a divulgar quando ia ter missa na comunidade e as freiras que na época eram freiras que celebravam, padre quase nem conhecia e elas iam sempre. Então toda missa que elas passavam lá por casa normalmente a gente ia, lembro muito que elas tinham um pampinha que andava e a gente sempre queria ir em cima, nas farras mesmo de carro, e ai ia na muito missa. E ai lembro de algumas coisa que faziam que hoje é até a parte que eu admiro na religião católica, de misturar um pouco essa parte da política, da problemática da comunidade e elas faziam muito isso nas missas, e eu tenho muita lembrança disso. (BORBOLETA, 2013)

[...] era mais festa da igreja mesmo, quando eu tinha uns 14 anos eu ia mais pras festas da igreja mesmo, as noites cultural da igreja, da catequese, os encontros da catequese. (ABELHA, 2013)

Um outro ponto de vista assim é a igreja, na igreja evangélica tem o momento de encontro, os batizados que tinha, enfim, porque logo meu pai ficou na igreja católica, e minha mãe ficou na evangélica, então pra mim era... Tinha que ir pra evangélica, mas também ia pra católica, os batizados, enfim, pras missas quando meu pai ia, que só ia quando tinha no **Pedregulho** que ia com a família toda, mas era mais pra evangélica que minha mãe ia, que quando tinha essa divisão. Não aí, e eu por incrível que pareça, como eu era o mais caseiro eu me identifiquei mais... A afinidade mais evangélica, porque assim, na evangélica você num anda em festa, eu também não gostava de andar em festa, na evangélica você não bebe, eu nunca gostei de bebida, então pra mim sempre foi mais tranquilo ficar na evangélica. (ANGICO, 2013)

O conjunto de declarações que os jovens apresentam em relação às suas crenças conduz o olhar para a diversidade religiosa que está presente no campo, começando um processo de abertura em relação à hegemonia da igreja católica.

Outro aspecto relevante na construção de formação do jovem do campo está voltado para as manifestações culturais da comunidade e as formas de lazer que eles desenvolviam. São destacadas, nesse caso, as festas juninas e a organização da tradicional quadrilha, que, inclusive, se apresenta em diversos concursos locais. Os grupos passam alguns meses ensaiando para se apresentar e organizam-se dentro do espaço e tempo comunitário para que esses momentos possam ocorrer. Além da quadrilha, os jovens narram a vivência em momentos ligados à cultura negra, como é o caso dos Reisados, São Gonçalo, Carurus e que são manifestações culturais que as comunidades vivenciam no seu cotidiano. No entanto, é importante ressaltar que, nas comunidades onde as manifestações culturais e religiosas ainda ocorrem, há certo receio em assumi-las, em razão das questões do preconceito e da discriminação. Nesse sentido, o conceito de ‘culturas em movimento’ de Bauman (2012) acrescenta contribuições a este estudo.

As culturas tornam-se interdependentes, interpenetram-se, nenhuma é um ‘mundo por direito próprio’, cada uma delas tem status híbrido e heterogêneo, nenhuma é monolítica e todas são intrinsecamente diversificadas; há um só tempo, *melange* cultural e globalidade da cultura (BAUMAN, 2012, p. 76).

Da afirmação do autor, é possível inferir que existem diferentes concepções de cultura, considerando, principalmente, o aspecto da diversidade que existe na composição dos mais diversos entendimentos. Ao narrarem, os jovens apontam para um campo onde, com a chegada da energia elétrica, vieram também as marcas das culturas urbanas, entre elas, a implantação de bares no formato de casas de shows, substituindo, em sua maioria, os pequenos botequins que existiam. A exemplo disso, Borboleta narra como a chegada do grupo de teatro modificou sua maneira de ver a comunidade.

[...] o grupo de teatro fundado, todo mundo na maior gás assim e tal, e ai ensaiamos, e o espetáculo era: "o que que o **Rio** tem", que ai a gente pegou toda essa questão cultural, religiosa, diversidade de padroeiros e tal, o cordel, o cordel era fazer um espécie de narração da peça, entrava os penitentes, entrava, enfim, o sagrado e o profano, fizemos mistura bem, e ai ensaiamos mesmo, levamos a sério e pensamos em figurinos e tal e estreia e fizemos todo, E ai criamos um grupo, que ai depois a gente deu o nome de grupo Cactos e ai algumas pessoas no meio do caminho foram saindo e tal, mas sempre outros entravam, sempre mantinham. (BORBOLETA)

Todavia, nas comunidades contemporâneas, são perceptíveis algumas mudanças estruturais. A inserção de comércios em pequenas vendas (espaço comercial com infinidade de mercadorias) e a presença dos veículos automotivos na

roça são exemplos de algumas das modificações da nova cultura em que os jovens pautam em suas vidas. Da mesma forma, os gostos musicais e as relações afetivas aligeiradas são pertinentes às culturas juvenis na atualidade. Para elucidar esse aspecto, apresento a contribuição da jovem Asa – Branca:

[...] mãe falou assim que eu já tava começando a ter amizade e tava já era uma moça, como diz ela, aí disse assim: “você vai tomar conta do bar agora”, aí eu: “mãe, tem certeza? Mãe eu tenho 16 anos e se a polícia chegar no bar?”, “mulher, não chega polícia aqui não, deixe de coisa”, aí tá bom, aí montou um bar, colocou as bebidas e tal, aí eu falei: “vou pensar num nome pra colocar no bar”, aí fiquei pensando, aí lembrei de uma festa que eu tinha ido em **Rosa do Deserto**, o nome da banda era Forró Pegada Quente, aí eu: “bota aí na frente: Bar Pegada Quente. [...] Aí minha colega: “já que tu tem um bar, vamos montar um time de futebol”, aí eu: “vamos!”, aí chamamos as meninas, começamos a treinar, aí treinava lá no **Zumbi** aí o pessoal... os meninos ajudaram a gente fizeram... colocaram luz no campo, iluminaram o campo, a gente ia à noite, porque como eu estudava de manhã, aí de tarde tinha pessoas que também estudava, aí nós só tinha tempo de noite. Aí ia eu e uma mocinha que morava comigo chamada **Mel**, que ela virou minha amiga e disse que ia morar lá em casa e eu peguei e deixei e outra minha colega, minha prima **Lagartixa**, aí ia nós três lá pra baixo né, 3 quilômetros todo dia a gente ia do **Zumbi** pra **Palmares** juntava com as meninas de lá, aí pegava e fazia... e treinava. Aí sim, depois de uns treinos, aí tinha o rapaz também que ajudava dando as dicas, “ah, essa daqui é boa ali, essa daqui...”, eu não sabia jogar nada, quando eu entrei me botaram no gol era gol toda hora passava, gol toda hora passava, me colocaram na zaga não tinha jeito, porque eu era a mais... eu, assim, pra mim era uma coisa mais violenta, eu ficava só derrubando as meninas, só derrubando, num guentava, não sabia jogar assim tipo, se eu tivesse com a bola ninguém viesse me tomar, não queria isso, aí não, aqui não dá certo não. [...], aí primeiro eu pesquisei quais eram as músicas, aí a gente ia pra festa aí já olhava quais eram as músicas que o povo gostava, aí no outro dia já... na outra semana já ia comprar o cd na feira que tinha feira a barraca de cd lá na feira e comprava, mãe comprou um som, uma caixa de som, aí colocava e todo mundo gostava, aí “óh, dá certo. Tem jeito pra coisa, num sei o que”. Aí tá, beleza. Aí eu tirava o dinheiro do rapaz, aí mãe: “óh, o lucro é seu, você faça o que você quiser, mas tira o dinheiro do rapaz que você paga a bebida e aí o resto você pode se virar do jeito que é”, aí eu não tinha ambição nenhuma, o dinheiro era pra comprar lanche na escola, pagar lanche pras meninas também e comprava, às vezes eu comprava perfume assim na revista, comprava um perfume, comprava uma sandália, mas sempre...nunca tive ambição dessa questão: “ah, porque não tenho roupa, que eu vou comprar roupa, ah que eu não tenho isso, vou comprar isso”, não, nunca tive, era mais... minha questão era só pra comer, comer, beber, onde eu tinha esse dinheiro pra comer e beber, pronto, tava bom demais [...] quase todo final de semana fazia jogo, eu inventava bingo, a gente fazia bingo lá no bar mesmo, aí uma vez eu inventei de

colocar filme, eu comprava filme de tarde aí colocava, o pessoal assistia de tarde, tinha televisão, tinha DVD colocava o pessoal assistia, às vezes era filme engraçado.

Percebemos, com a narrativa da jovem, a presença de alguns aspectos culturais novos sendo inseridos na comunidade, entre eles: a questão da mudança do espaço de atuação feminino; a quebra do paradigma de que somente o homem joga futebol; novas formas de geração de renda no campo. As mulheres, segundo a narrativa da jovem Asa-Branca, passam a compor na comunidade um espaço de participação que vai além das questões domésticas, como ocorre nas comunidades tradicionais. O fato de as mulheres jovens estarem também inseridas no âmbito do futebol demonstra a quebra de mais um paradigma de atuação no campo. Insere-se nessa perspectiva, a configuração de novos espaços de lazer onde homens e mulheres jovens atuam.

Outro elemento saliente, na narrativa, é a questão da geração de renda que não está mais centrada na agricultura e toma outras dimensões no campo econômico. No caso do que trata a narrativa, o comércio de bebidas e inserção de jogos e outros aspectos ligados ao entretenimento caracterizam o cenário atual do campo. Ainda, nesse sentido, também se percebe algo curioso quanto à questão cultural vivenciada nas comunidades: a legislação e os cuidados com os direitos das crianças, adolescentes e jovens ainda menores. É naturalizada a situação que põe em risco as pessoas consideradas pela lei como indefesas, mesmo em tempos atuais, estando esse exemplo presente na fala da jovem no início de sua narrativa, quando diz: “[...] mãe falou assim que eu já tava começando a ter amizade e tava já era uma moça, como diz ela, aí disse assim: *“você vai tomar conta do bar agora, aí eu: mãe, tem certeza? Mãe eu tenho 16 anos e se a polícia chegar no bar?, mulher, não chega polícia aqui não, deixe de coisa”*. Há um processo de naturalização presente no cotidiano comunitário, pois o fato do jovem apresentar fisicamente aparência de adulto não significa que tenha condição legal de assumir determinadas funções, como a própria jovem ressalta em sua narrativa; para a mãe, no entanto, não existe nenhum problema e justifica a não operacionalização da polícia no campo, como anuncia a jovem ao narrar. Pais (2003, p. 126) aponta para uma compreensão diferenciada dos aspectos apresentados e elucida a questão afirmando:

[...] a partir da perspectiva do cotidiano deve tentar compreender, interpretar e explicar o modo como os múltiplos significados que os jovens atribuem ao que os rodeia são construídos e usados. [...] diferentes grupos de jovens compartilham diferentes mapas de significação, isto é, a realidade pode ser interpretada e construída pelos jovens, de diferentes maneiras.

Conforme trata o autor, os jovens possuem interpretações diferentes em relação ao conjunto de elementos presentes na comunidade e vão compondo a

diversidade na formação. As experiêncas de vida e formação narradas ao longo dessa discussão nos permite inferir acerca do entendimento de que os ambientes sociais que envolvem a história de vida desses sujeitos tornam-se indispensáveis para que possamos construir mudanças nas práticas educativas junto a esse público, bem como repensar os conceitos socialmente estabelecidos para compor essa categoria social.

### **Para encerrar a prosa – por um momento!**

Enfim, ao longo da discussão desse texto, foi destacado como a diversidade está presente na atuação do jovem no seu espaço educativo e na sua comunidade. A relação que se procurou evidenciar traz à baila o modo como as narrativas constituem cada sujeito, bem como a visão que estes possuem sobre sua comunidade e que influencia em seus projetos de vida.

Como resultado, percebemos que a comunidade em si, considerando todos os espaços educativos, incluindo a escola, agregam o conjunto de elementos que permite a cada um ressignificar o seu percurso histórico demarcado por uma diversidade cultural, social e geográfica das relações diversas.

As narrativas demonstram, ainda, questões que fazem parte das experiêncas de vida e formação destes jovens do campo, com destaque para o modo como esses processos ocorrem. Como principal elemento, surge a constituição de sistemas sociais que desencadeiam essas experiêncas. A composição desses sistemas se dá pela relação família, escola, e trabalho, sendo ampliados pela inserção das categorias do envolvimento social, religioso, cultural e político como significantes para a composição das experiêncas de formação desses sujeitos no campo. Como diferencial, é destacada a importância da presença da República do IRPAA como fundante no que diz respeito ao percurso de formação dos jovens, sendo compreendida como aspecto complementar a trajetória de escolarização e preparação para a atuação profissional.

Dessa maneira, as narrativas sinalizam para o aspecto da constituição identitária, uma vez que, as narrativas de vida e formação desses sujeitos singulares em sua composição identitária e plurais no conjunto de anseios fazem parte dos seus projetos de vida.

### **Referências**

- BAUMAN, Zygmunt. **Ética Pós-Moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativa de vida: a pesquisa e seus métodos**. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante; Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- CARNEIRO, Maria José. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: \_\_\_\_\_; CASTRO, Elisa G. de (Org.). **Juventude do campo em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CARRANO, Paulo. Identidades Culturais Juvenis e Escolas: Arenas de Conflitos e Possibilidades. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CARVALHO, Luzineide Dourado. A emergência da lógica da Convivência com o semiárido e a construção de uma nova territorialidade. In: **Educação para a Convivência com o semiárido: Reflexões teórico-práticas**. 2.ed. Juazeiro/BA: RESAB, 2006.
- CAVALCANTE, Ludmila Oliveira Holanda. **A escola família agrícola do sertão: entre os percursos sociais, trajetórias pessoais e implicações ambientais**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.
- DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS IRPAA. **República de jovens**, 2013. Disponível em: <www.irpaa.org>. Acesso em: 01 fev.2013.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Org.). **O método autobiográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- FINGER, Matias. As implicações socioepistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Org.). **O método autobiográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n.24, p. 68-75, 1994.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo 2010. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 29/11/2012.
- JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Universidade degli Studi di Milano. Tradução de Angelina Teixeira Peralva. **Revista Young**. Estocolmo: v. 4, n. 2, 1996.
- NÓVOA, Antônio. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Org.). **O método autobiográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003. (Coleção Análise Social).

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Professores da cidade, alunos da roça: identidades e discursos na escola. **Revista da FAEEBA** – Educação e contemporaneidade. v. 20, n. 36. Salvador: UNEB, 2011.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser e não ser da roça, eis a questão!** Identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTOS, José Moacir dos. Tecnologias para o semiárido. In.: SILVA, Conceição de Maria de Sousa e; Elmo de Souza Lima; CANTALICE, Maria Luíza de; ALENCAR, Maria Tereza de; SILVA, Waldirene Alves Lopes da (Orgs). **Semiárido Piauiense: Educação e Contexto**. INSA. Campina Grande, 2010.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **Espaços Públicos e Tempos Juvenis**: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. Um marco reflexivo para a inserção social da juventude do campo. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guraná de (Orgs). **Juventude do campo em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias O Brasil é menos urbano do que se calcula**. Ed. Autores Associados,[S.],2003.

---

#### Notas:

<sup>i</sup> Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNEB, em 21 de maio de 2013, sob o CAAE nº 11505313.7.0000.0057, parecer 247.848.

<sup>ii</sup> Espaço utilizado para realização de cursos de formação pelo IRPAA, distante 12 km da cidade de Juazeiro, sendo que, existem no mesmo ambiente casas onde moram algumas famílias, dentre elas duas utilizadas como República (masculina e feminina), para jovens que desejam a formação técnica profissionalizante, em especial, na área de agropecuária e meio ambiente.

<sup>iii</sup> Mecanismo utilizado pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia para seleção dos alunos que farão parte dos cursos profissionalizantes ofertados pelos CETEPS. Cf. [www.educacao.ba.gov.br](http://www.educacao.ba.gov.br).

<sup>iv</sup> Apoiado por projeto financiado por instituição alemã, que às vezes não contempla todo o grupo, limitando assim a alguns, provocando dessa maneira as suas organizações de origem a mantê-los com a bolsa até que surja a possibilidade de repasse via projeto do próprio IRPAA.

#### Sobre os autores

**Fabício Oliveira da Silva** possui graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (1997), Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa (1998) pela mesma universidade e Especialização em Gestão Escolar pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (2009). Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2003), Doutorado em Educação pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2017) É Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

**Adelson Dias de Oliveira** possui graduação em Pedagogia - Licenciatura plena pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2005). Doutorando em Educação e Contemporaneidade - Universidade do Estado da Bahia (Ingresso 2015). Mestre em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (2013). Professor Assistente da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Juazeiro.

**Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios** possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (1995), Especialista em Linguística aplicada ao ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana (1998), Mestrado em Educação pela Universidade do Quebec (2002), Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2008) e Pós- Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2013). É Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, no Departamento de Educação - Campus I.

*Recebido em: 25/02/2017*

*Aceito para publicação: 10/12/2017*